



Desafios Contemporâneos da Psicologia Hospitalar: Ética, Humanização e Regulação Emocional na Prática Profissional

Luiz Fernando Ridolfi¹, Marli dos Santos Correa², Raquel Corradi Magalhães³, Roberta Fonseca de Oliveira Lara⁴, Zuleici Rafael Rosa Ribeiro⁵



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p7959-7976>

Artigo recebido em 28 de Setembro e publicado em 28 de Novembro de 2025

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender os principais desafios enfrentados pelos psicólogos hospitalares em sua atuação profissional no contexto de hospitais privados de Belo Horizonte/MG. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, fundamentada em entrevistas semiestruturadas realizadas com três psicólogas com experiência entre cinco e treze anos. As narrativas foram submetidas à análise de conteúdo (Bardin, 2016), à luz da literatura da Psicologia Hospitalar e da Psicologia da Saúde. Os resultados revelaram quatro eixos temáticos centrais: relações interprofissionais e hierarquia institucional; sobrecarga e gestão do tempo; regulação emocional diante do sofrimento e da morte; e humanização do cuidado. Constatou-se que, embora a atuação do psicólogo seja reconhecida como essencial para a promoção do cuidado integral, persistem barreiras estruturais e simbólicas que limitam sua efetividade. Conclui-se que a superação desses desafios requer valorização institucional, formação continuada e fortalecimento de práticas interdisciplinares pautadas na ética e na humanização. O estudo contribui, de forma inédita, para a compreensão fenomenológica da prática psicológica hospitalar em contextos privados, oferecendo subsídios para políticas de saúde e formação profissional.

Palavras-chave: Atuação do psicólogo, Humanização em saúde, Psicologia hospitalar, Saúde mental, Trabalho interdisciplinar.



Contemporary Challenges in Hospital Psychology: Ethics, Humanization, and Emotional Regulation in Professional Practice

ABSTRACT

The present study aimed to understand the main challenges faced by hospital psychologists in their professional practice in the context of private hospitals in Belo Horizonte, Minas Gerais. This is a qualitative, descriptive, and exploratory study based on semi-structured interviews conducted with three psychologists with between five and thirteen years of experience. The narratives were submitted to content analysis (Bardin, 2016), in light of the literature on Hospital Psychology and Health Psychology. The results revealed four central thematic axes: interprofessional relationships and institutional hierarchy; overload and time management; emotional regulation in the face of suffering and death; and humanization of care. It was found that, although the role of the psychologist is recognized as essential for the promotion of comprehensive care, structural and symbolic barriers persist that limit its effectiveness. It was concluded that overcoming these challenges requires institutional appreciation, continuing education, and the strengthening of interdisciplinary practices based on ethics and humanization. The study contributes, in an unprecedented way, to the phenomenological understanding of hospital psychological practice in private contexts, offering support for health policies and professional training.

Keywords: Role of the psychologist, Humanization in healthcare, Hospital psychology, Mental health, Interdisciplinary work.

Instituição afiliada – 1) Mestre em Intervenção Psicológica no Desenvolvimento e na Educação, Universidad Europea del Atlántico (UNEATLANTICO), Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4918-0420>; 2) Especialização em Serviço Social e Saúde Mental, Faculdade Iguaçu (FI); 3) Mestranda em Gestão dos Cuidados em Saúde, Must University (MUST); 4) Mestranda em Gestão dos Cuidados em Saúde, Must University (MUST); 5) Mestranda em Tecnologias Emergentes na Educação, Must University (MUST).

Autor correspondente: Luiz Fernando Ridolfi E-mail: luizridolfi@hotmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

A Psicologia Hospitalar, enquanto campo interdisciplinar de interface entre saúde mental e atenção integral, consolida-se nas últimas décadas como componente essencial das políticas de humanização e das práticas de cuidado em saúde. Fundamentada na perspectiva biopsicossocial, essa área reconhece a interdependência entre dimensões biológicas, psicológicas e sociais do processo saúde-doença, contribuindo para a ampliação do olhar sobre o sujeito adoecido e para a valorização de práticas centradas na pessoa (Angerami-Camon, 2001; Simonetti, 2004).

Apesar dos avanços teóricos e institucionais, a inserção do psicólogo no ambiente hospitalar ainda enfrenta desafios estruturais e simbólicos que comprometem a efetividade do cuidado. Pesquisas apontam entraves relacionados a comunicação com a equipe multiprofissional, a rigidez hierárquica das instituições e a sobrecarga de demandas emocionais e administrativas (Carvalho, 2013; Lima; Costa, 2023). Tais fatores evidenciam a necessidade de reflexão crítica sobre as condições de trabalho, a formação profissional e o reconhecimento institucional do papel do psicólogo na promoção da humanização da saúde.

Nas últimas décadas, estudos internacionais têm enfatizado o aumento do *burnout* entre psicólogos hospitalares e outros profissionais da saúde mental, evidenciando os impactos psicossociais da sobrecarga laboral e da exposição contínua ao sofrimento (Rupert et al., 2023; WHO, 2023).

Segundo Rupert et al. (2023), a prevalência de sintomas de exaustão emocional e despersonalização entre psicólogos clínicos e hospitalares aumentou significativamente após a pandemia de Covid-19, reforçando a urgência de políticas institucionais de suporte psicológico e prevenção do esgotamento. Estes achados reforçam que o cuidado com o profissional é condição indispensável para a qualidade e a sustentabilidade do cuidado oferecido ao paciente.

Diante desse cenário, questiona-se: quais são os principais desafios enfrentados pelos psicólogos hospitalares na prática cotidiana e como essas experiências se articulam à promoção da humanização do cuidado? Assim, o presente estudo tem como objetivo compreender os desafios vivenciados por psicólogos hospitalares atuantes em hospitais privados de Belo Horizonte/MG, identificando limites e potencialidades de sua



atuação no cuidado integral e ético.

O estudo distingue-se por sua contribuição inédita, ao investigar, sob uma perspectiva fenomenológica husserliana e contextualizada, as experiências de psicólogos hospitalares em instituições privadas, sendo um campo ainda pouco explorado na literatura brasileira recente. Ao articular dimensões estruturais, relacionais e subjetivas da prática psicológica, a pesquisa amplia a compreensão sobre os fatores que influenciam a efetividade e a humanização do cuidado, oferecendo subsídios para a formação profissional e para a consolidação de políticas de saúde mental e humanização no contexto hospitalar contemporâneo.

A escolha da abordagem fenomenológica justifica-se por sua capacidade de acessar a experiência vivida dos participantes em sua complexidade, valorizando o significado subjetivo atribuído às práticas profissionais. Diferentemente de outros métodos qualitativos, a fenomenologia não busca generalizações, mas a compreensão profunda dos sentidos que emergem da vivência concreta, o que se mostra particularmente adequado à investigação da atuação psicológica em contextos hospitalares permeados por sofrimento, ética e humanização (Giorgi, 2009; Martins; Bicudo, 2005).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desta maneira, a Psicologia Hospitalar constitui um campo de aplicação da Psicologia da Saúde voltado à compreensão das relações humanas no ambiente hospitalar, especialmente nos processos de adoecimento, hospitalização e morte (Simonetti, 2004). Inserida no modelo biopsicossocial proposto por Engel (1977), ela rompe com a lógica biomédica centrada na doença e propõe um olhar integral sobre o sujeito adoecido (Angerami-Camon, 2001). Contudo, autores contemporâneos (Lima; Costa, 2023; Furlan; Matos, 2023) ressaltam que essa ampliação conceitual ainda enfrenta resistências institucionais e barreiras relacionais que limitam o alcance da atuação psicológica.

A pesquisa internacional recente (WHO, 2023) reforça que o esgotamento emocional e a falta de integração interdisciplinar permanecem como desafios globais para as equipes de saúde, o que torna o papel do psicólogo hospitalar ainda mais



estratégico. Nesse contexto, a ética e a humanização despontam como eixos estruturantes da prática profissional, orientando a escuta, o acolhimento e a corresponsabilidade no cuidado (Ayres, 2021; Pessini; Barchifontaine, 2020).

Assim, a fundamentação teórica sustenta a análise proposta ao articular dimensões estruturais, relacionais e subjetivas da atuação psicológica em hospitais. O presente estudo busca preencher a lacuna existente na literatura ao investigar, sob enfoque fenomenológico, como psicólogos hospitalares vivenciam e ressignificam os desafios cotidianos em contextos privados, contribuindo para o aprimoramento das políticas de humanização e da formação profissional em saúde.

O papel do psicólogo hospitalar na equipe multiprofissional

A atuação em equipes multiprofissionais é central à prática hospitalar contemporânea. O psicólogo deve intervir de modo interdisciplinar, articulando saberes e práticas com médicos, enfermeiros, assistentes sociais e demais profissionais da saúde, a fim de garantir a integralidade do cuidado (Fossi; Guareschi, 2004; Angerami-Camon, 2001).

Contudo, pesquisas recentes indicam que essa integração ainda é limitada por hierarquias institucionais e dificuldades comunicacionais (Vieira *et al.*, 2020). Além disso, há divergências expressivas entre o modelo público e o privado de atenção hospitalar: enquanto o setor público tende a enfatizar o trabalho coletivo e políticas institucionais de humanização, o setor privado, embora disponha de mais recursos, ainda reproduz estruturas mais hierarquizadas e centradas no médico (Souza; Ferreira, 2023; Lima; Costa, 2023).

Esse contraste revela uma lacuna teórica importante na literatura brasileira, pois são poucos os estudos que compararam sistematicamente como o contexto institucional influencia o papel do psicólogo hospitalar. Estudos empíricos recentes, como o de Ferreira e Lemos (2024), demonstram que, em hospitais privados, a presença do psicólogo tende a ser mais reativa, demandada por familiares ou médicos, ao passo que, em instituições públicas, há maior inserção em comissões de ética e cuidados paliativos. Essa diferença reforça a necessidade de políticas institucionais que garantam o protagonismo psicológico em ambos os contextos.

O psicólogo hospitalar desempenha papel estratégico ao mediar relações



interprofissionais e promover práticas comunicacionais horizontais, contribuindo para a construção de ambientes terapêuticos mais humanizados (Peres; Lopes, 2012; Moraes; Santos, 2022). Nesse sentido, sua atuação extrapola o cuidado clínico individual, estendendo-se à dimensão institucional e ética do cuidado.

Desafios contemporâneos da Psicologia Hospitalar

A inserção do psicólogo em instituições hospitalares enfrenta desafios estruturais e subjetivos que impactam sua atuação. Entre eles, destacam-se a sobrecarga de demandas, o reconhecimento profissional limitado e a necessidade de regulação emocional diante de situações de sofrimento extremo (Carvalho, 2013; Medeiros; Lustosa, 2011).

Autores recentes identificam que o aumento do *burnout* entre psicólogos hospitalares no pós-pandemia intensificou tais desafios, especialmente em contextos de alta pressão e baixa autonomia decisória (Rupert *et al.*, 2023; Borges *et al.*, 2021). Esse fenômeno revela o quanto a precarização das condições de trabalho pode comprometer a qualidade da escuta e a capacidade empática, pilares da atuação psicológica.

Por outro lado, estudos comparativos entre serviços públicos e privados (Ferreira; Lemos, 2024; Souza; Ferreira, 2023) sugerem que a sobrecarga emocional é vivenciada de modo distinto: no setor público, o problema se associa a falta de recursos e estrutura; no privado, a intensificação da lógica produtivista e a cobrança por resultados imediatos. Essa diferenciação revela uma tensão estrutural ainda pouco explorada na literatura, configurando campo promissor para pesquisas futuras.

A regulação emocional, segundo Gross (2015), é uma competência essencial ao exercício do psicólogo hospitalar, pois possibilita o manejo adequado de emoções diante de situações de dor, perda e morte. Pesquisas empíricas recentes (Furlan; Matos, 2023; Barros *et al.*, 2022) indicam que estratégias institucionais de cuidado com o cuidador, mediadas como grupos de apoio, supervisão clínica e programas de saúde ocupacional, reduzem significativamente o risco de esgotamento psicológico e favorecem a resiliência emocional das equipes de saúde.

Perspectivas éticas e humanizadoras

A prática do psicólogo hospitalar está intrinsecamente vinculada a princípios



éticos e à valorização da dignidade humana. A Resolução CFP nº 013/2007 estabelece que a atuação profissional deve pautar-se pelo respeito à autonomia do paciente, pela confidencialidade e pela promoção de condições de cuidado humanizado.

No entanto, como observam Pessini e Barchifontaine (2020), a ética hospitalar muitas vezes se restringe à obediência a normas, negligenciando a dimensão intersubjetiva do cuidado. Assim, Ayres (2021) propõe o conceito de “ética do encontro”, que compreende o cuidado como processo relacional, dialógico e transformador. Essa perspectiva é fundamental para compreender a Psicologia Hospitalar como espaço de encontro entre saberes e subjetividades.

Autores contemporâneos (Lima, 2022; Garcia; Thompson, 2024) têm enfatizado que o desafio ético atual não se limita a relação terapeuta-paciente, mas se estende a dimensão organizacional, onde o psicólogo atua como agente de transformação cultural, capaz de tensionar as estruturas institucionais desumanizadoras.

Dessa forma, a humanização e a ética se entrelaçam como fundamentos da Psicologia Hospitalar contemporânea. O diálogo entre teoria e prática, bem como a valorização do cuidado ao cuidador, são caminhos para fortalecer a atuação psicológica como dimensão política e relacional do cuidado em saúde. Essa perspectiva crítica busca superar o hiato entre o discurso institucional da humanização e sua efetivação concreta nas rotinas hospitalares.

METODOLOGIA

O estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, orientada pela perspectiva fenomenológica husserliana, a qual busca compreender as experiências vividas e os significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas profissionais (Giorgi, 2009; Martins; Bicudo, 2005). Essa opção metodológica é coerente com o objetivo de interpretar os desafios enfrentados pelos psicólogos hospitalares em seu contexto de trabalho, privilegiando a profundidade das percepções em detrimento da representatividade numérica (Minayo, 2014).

Conforme Flick (2018), a pesquisa qualitativa é adequada para investigar fenômenos complexos em contextos específicos, permitindo compreender a construção social de sentidos. Assim, o estudo visa interpretar, e não quantificar, os desafios



enfrentados pelos psicólogos em seu cotidiano de trabalho nos hospitais, buscando compreender como eles se expressam, são vivenciados e ressignificados pelos participantes.

Participantes e critérios de seleção

A amostra foi composta por três psicólogas hospitalares atuantes em hospitais privados da cidade de Belo Horizonte/MG. O número reduzido de participantes justifica-se pela natureza intensiva e interpretativa da pesquisa qualitativa, que privilegia a profundidade da análise em detrimento da amplitude amostral (Yin, 2016).

Os critérios de inclusão consideraram: a) possuir formação em Psicologia com registro profissional ativo no Conselho Regional de Psicologia; b) experiência mínima de cinco anos em atuação hospitalar; c) disponibilidade para participar de entrevista individual gravada; e d) consentimento formal por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos profissionais que não atuavam diretamente no atendimento a pacientes ou famílias.

Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, com roteiro previamente elaborado com base na literatura sobre Psicologia Hospitalar (Angerami-Camon, 2001; Carvalho, 2013; Lima; Costa, 2023). O instrumento contemplou eixos temáticos referentes à inserção profissional, trabalho em equipe multiprofissional, humanização do cuidado, limites institucionais e regulação emocional diante de situações de sofrimento e morte.

As entrevistas foram realizadas individualmente, em ambiente reservado, com duração média de 40 minutos cada, sendo gravadas em áudio mediante autorização das participantes. Posteriormente, os registros foram transcritos na íntegra e revisados para assegurar a fidedignidade das falas e a preservação da expressividade dos discursos.

Procedimentos éticos

O estudo observou integralmente as normas éticas da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos nas Ciências Humanas e Sociais. As participantes foram informadas sobre os objetivos



do estudo, sua voluntariedade e o direito de recusa a qualquer momento, sem prejuízo. Para garantir o anonimato, foram utilizados pseudônimos e omitidas informações que pudessem identificar os locais de trabalho.

Análise dos dados

A análise dos dados foi conduzida a partir da Análise de Conteúdo temática proposta por Bardin (2016), que compreende três etapas principais: pré-análise, envolvendo leitura flutuante das transcrições e organização do corpus textual; exploração do material, com identificação de unidades de registro e construção de categorias temáticas relacionadas aos objetivos do estudo; tratamento e interpretação, etapa em que os resultados foram articulados ao referencial teórico, buscando interpretar os significados das narrativas das participantes.

O processo analítico seguiu os princípios da triangulação teórica (Denzin, 2017), com o intuito de garantir maior validade interpretativa, confrontando as falas com diferentes perspectivas da literatura contemporânea sobre Psicologia Hospitalar, saúde mental e humanização.

Rigor científico e validade qualitativa

A credibilidade dos resultados foi assegurada por meio da saturação teórica dos dados, alcançada quando novas entrevistas deixaram de acrescentar informações relevantes (Flick, 2018). A confiabilidade interpretativa foi reforçada pela dupla codificação das categorias, revisada por uma pesquisadora sênior independente, e pela devolutiva parcial dos resultados as participantes, garantindo fidedignidade as experiências relatadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas permitiu identificar quatro categorias temáticas centrais que expressam os principais desafios vivenciados pelas psicólogas hospitalares participantes da pesquisa: 1) relações interprofissionais e hierarquia institucional; 2) sobrecarga e gestão do tempo; 3) regulação emocional diante do sofrimento e da morte; e 4) humanização e ética no cuidado. Essas dimensões, embora analisadas



separadamente, apresentam entre si relações de interdependência, configurando um quadro complexo no qual fatores estruturais, subjetivos e éticos se entrelaçam na prática profissional cotidiana.

Relações interprofissionais e hierarquia institucional

As participantes relataram dificuldades recorrentes na comunicação com as equipes multiprofissionais, destacando a rigidez hierárquica e a fragmentação das decisões clínicas. Uma delas observou: “Nem sempre somos ouvidas nas reuniões, mesmo quando o caso envolve sofrimento emocional evidente” (Participante A). Essa percepção revela uma estrutura organizacional que ainda privilegia saberes médicos e técnicos, reduzindo a autonomia do psicólogo.

Esses achados corroboram pesquisas que indicam que a subalternização simbólica do trabalho psicológico é um obstáculo persistente à efetividade do cuidado integral (Oliveira; Campos, 2022; Moraes; Santos, 2022). A dificuldade de reconhecimento profissional se reflete na ausência de espaços institucionais de diálogo, o que limita a interdisciplinaridade genuína e favorece práticas compartimentalizadas.

Ao mesmo tempo, emergem experiências positivas de cooperação, sobretudo em situações em que o psicólogo consegue intermediar a comunicação entre profissionais e familiares. Uma das entrevistadas relatou: “Quando conseguimos escutar todos os lados, sendo o médico, paciente e família, o cuidado flui com mais leveza” (Participante B). Esse tipo de mediação confirma o papel estratégico do psicólogo hospitalar como articulador de vínculos e promotor de práticas mais humanizadas.

Sobrecarga e gestão do tempo na prática psicológica

Outro desafio amplamente citado refere-se a sobrecarga de atendimentos e a falta de tempo para a realização de acompanhamentos prolongados. Uma participante relatou: “Há muitos pacientes e poucos psicólogos. Às vezes, preciso escolher quem vou atender naquele dia” (Participante C). Essa limitação impõe dilemas éticos e emocionais, pois o tempo institucional não acompanha o tempo subjetivo exigido pelo cuidado psicológico.

A sobrecarga descrita reflete a tensão entre a lógica produtivista das instituições privadas e a natureza relacional do trabalho em Psicologia. Segundo Santos e Barros



(2023), o ritmo acelerado e a cobrança por eficiência tendem a reduzir o espaço da escuta, comprometendo o vínculo terapêutico. Essa condição também foi apontada por Furlan e Matos (2023), que relacionam o excesso de demandas à intensificação de sintomas de esgotamento emocional entre psicólogos hospitalares.

A análise cruzada com a categoria anterior revela que a fragmentação interprofissional e a sobrecarga atuam de forma sinérgica: quanto menor a integração entre as equipes, maior o isolamento do psicólogo e mais intensa a pressão emocional. Essa relação evidencia a importância de políticas institucionais que promovam ambientes colaborativos e distribuam de maneira equitativa as responsabilidades do cuidado.

Regulação emocional e enfrentamento da finitude

O contato contínuo com o sofrimento e a morte foi descrito por todas as participantes como uma das experiências mais desafiadoras da atuação hospitalar. Uma delas afirmou: “Aprendemos a lidar com a dor do outro, mas nem sempre com a nossa” (Participante A). Essa fala sintetiza a dimensão silenciosa do sofrimento do profissional de saúde mental.

A regulação emocional, nesse contexto, emerge como competência essencial à prática psicológica. Gross (2015) define-a como o processo de monitorar e modificar estados afetivos para manter equilíbrio psicológico e eficácia profissional. Nos relatos, observou-se que as estratégias de regulação utilizadas como supervisão clínica, psicoterapia pessoal e apoio entre colegas foram determinantes para sustentar a empatia e evitar o distanciamento afetivo.

Além disso, há uma relação direta entre a regulação emocional e a humanização do cuidado: profissionais emocionalmente equilibrados tendem a oferecer escuta mais sensível e acolhedora. Como afirmou uma participante: “Quando estou emocionalmente sobrecarregada, sinto que minha escuta fica mais técnica e menos humana” (Participante C). Esse depoimento revela como o autocuidado influencia a qualidade do cuidado ofertado, demonstrando que a humanização depende, em grande medida, da saúde mental do próprio profissional.

Os achados convergem com estudos recentes que apontam a necessidade de programas institucionais voltados ao bem-estar emocional dos profissionais de saúde



(Rupert *et al.*, 2023; WHO, 2023). A ausência de tais dispositivos contribui para o aumento do *burnout* e para a desumanização nas relações de trabalho hospitalar.

Humanização e ética no cuidado psicológico

A humanização foi compreendida pelas entrevistadas como um princípio norteador da Psicologia Hospitalar. Mais do que um protocolo, ela foi descrita como uma postura ética diante da dor e da vulnerabilidade humana. Uma participante afirmou: “Humanizar é olhar para o paciente como alguém que sente e não apenas como um diagnóstico” (Participante B). Essa definição prática alinha-se à concepção de Ayres (2021) sobre o “cuidado como encontro”, no qual o profissional e o paciente compartilham significados e afetos.

Os relatos, entretanto, revelam contradições institucionais: embora o discurso da humanização esteja presente nas políticas de saúde (Ministério da Saúde, 2022), sua efetivação ainda é dificultada pela falta de tempo e pelo excesso de demandas. A análise cruzada das categorias mostra que a sobrecarga e a hierarquia hospitalar reduzem o espaço para a escuta empática, o que reforça a importância de estruturas organizacionais mais flexíveis e colaborativas.

A dimensão ética da prática foi ressaltada em todas as entrevistas, especialmente no que se refere a confidencialidade e a autonomia do paciente. Contudo, as participantes também apontaram dilemas cotidianos, como a pressão de outros profissionais para compartilhar informações sigilosas. Tais conflitos confirmam que a ética hospitalar não se resume a aplicação de normas, mas envolve decisões situadas e sensíveis as complexidades humanas (Pessini; Barchifontaine, 2020).

Síntese interpretativa e diálogo com a literatura

A análise das quatro categorias evidencia que a atuação do psicólogo hospitalar é atravessada por tensões entre ideais ético-humanistas e as limitações institucionais do modelo biomédico. A comunicação hierarquizada, a sobrecarga de atendimentos e a falta de suporte emocional fragilizam o espaço da escuta e dificultam a prática interdisciplinar (Vieira *et al.*, 2020; Lima; Costa, 2023).

Por outro lado, os resultados apontam para a potência transformadora da



prática psicológica quando mediada pela empatia e pela regulação emocional. O equilíbrio emocional do profissional não apenas protege sua saúde mental, mas também qualifica o cuidado prestado, aproximando-o dos princípios da humanização e da ética do encontro (Ayres, 2021; Furlan; Matos, 2023).

Dessa forma, o estudo reforça que a humanização não é um ato isolado, mas um processo relacional sustentado pela cooperação interdisciplinar e pelo autocuidado profissional. Investir na saúde emocional dos psicólogos hospitalares é condição necessária para que o cuidado oferecido aos pacientes seja efetivamente integral, empático e ético.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender os principais desafios enfrentados pelos psicólogos hospitalares em sua prática profissional, analisando os aspectos estruturais, relacionais e subjetivos que permeiam sua atuação em hospitais privados da cidade de Belo Horizonte/MG. A partir da análise qualitativa das entrevistas, emergiram quatro eixos centrais: relações interprofissionais e hierarquia institucional, sobrecarga e gestão do tempo, regulação emocional e humanização do cuidado que se interrelacionam e revelam a complexidade do exercício da Psicologia Hospitalar no contexto contemporâneo.

Os resultados evidenciaram que, embora a inserção do psicólogo no ambiente hospitalar represente um avanço significativo na promoção da humanização da saúde, ainda persiste uma estrutura hierárquica rígida que limita a autonomia e o reconhecimento desse profissional. A comunicação fragmentada entre as equipes multiprofissionais reforça a necessidade de práticas mais colaborativas e de uma cultura institucional orientada pela interdisciplinaridade, condição essencial para o cuidado integral.

No plano subjetivo, verificou-se que o contato constante com o sofrimento, a dor e a morte exige elevada capacidade de regulação emocional, sustentada por estratégias de autocuidado e apoio institucional. A ausência de políticas de suporte psicológico voltadas aos profissionais contribui para o esgotamento emocional e para o risco de desumanização das relações de trabalho. Nesse sentido, a saúde emocional do



psicólogo hospitalar mostrou-se elemento determinante para a qualidade do cuidado oferecido aos pacientes, o que reforça o vínculo direto entre regulação emocional e humanização.

A humanização, compreendida como atitude ética e política, desponta como fundamento da prática psicológica hospitalar. Mais do que um ideal normativo, ela se constitui como um processo relacional que reconhece a singularidade de cada sujeito e transforma o espaço hospitalar em território de vínculos e significados compartilhados. Essa perspectiva demanda o fortalecimento de práticas institucionais que assegurem tempo para a escuta, condições de trabalho adequadas e programas permanentes de formação e supervisão clínica.

Do ponto de vista teórico e formativo, os achados reforçam a importância de incluir, nos currículos de Psicologia, conteúdos voltados à atuação hospitalar, ética aplicada, trabalho interdisciplinar e manejo emocional. Já no campo institucional, destaca-se a urgência de implementar políticas que valorizem o papel do psicólogo na equipe multiprofissional, garantindo a criação de espaços de escuta coletiva e o investimento contínuo em saúde mental dos profissionais.

Por fim, o estudo apresenta uma contribuição científica inédita para o campo da Psicologia Hospitalar, ao realizar a primeira análise fenomenológica voltada exclusivamente à experiência de psicólogos atuantes em hospitais privados brasileiros. Essa abordagem possibilitou compreender, em profundidade, como esses profissionais vivenciam e ressignificam os desafios éticos e emocionais de seu cotidiano, oferecendo subsídios teóricos e práticos para o aprimoramento das políticas de humanização, das práticas formativas e da valorização institucional da Psicologia no contexto hospitalar contemporâneo.

As pesquisas futuras podem ampliar o número de participantes e contemplar diferentes contextos institucionais como públicos, filantrópicos e privados, favorecendo a construção de uma compreensão comparativa e mais abrangente sobre a atuação psicológica em hospitais no Brasil.

REFERÊNCIAS

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto (org.). **E a psicologia entrou no hospital**. 3. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.



AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. **Cuidado: trabalho e interação nas práticas de saúde**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, Juliana F.; MENDES, Carolina R.; SANTOS, Ana C. B. Regulação emocional e autocuidado em profissionais da saúde hospitalar: uma revisão integrativa. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 22, n. 4, p. 1032-1048, 2022.

BORGES, Maria Clara; SILVA, Carolina R.; MENDES, Juliana P. Saúde mental e burnout em profissionais da saúde hospitalar: revisão integrativa. **Revista Psicologia & Saúde**, v. 13, n. 2, p. 45-61, 2021.

CARVALHO, Débora Barreto de. Psicologia da saúde crítica no contexto hospitalar. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 358-371, 2013.

CASTRO, Elisa Kern de; BORNHOLDT, Edgar. Psicologia da Saúde x Psicologia Hospitalar: definições e possibilidades de inserção profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 48-57, 2004.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução nº 013, de 1º de junho de 2007**. Regulamenta o título de especialista em Psicologia Hospitalar. Brasília, DF: CFP, 2007.

DENZIN, Norman K. **The research act: a theoretical introduction to sociological methods**. 4. ed. New York: Routledge, 2017.

ENGEL, George L. The need for a new medical model: a challenge for biomedicine. **Science**, v. 196, n. 4286, p. 129-136, 1977.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2018.

FOSSI, Luciana B.; GUARESCHI, Neuza M. de Fátima. A psicologia hospitalar e as equipes multidisciplinares. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, v. 7, n. 1, p. 53-68, 2004.

FURLAN, Renata L.; MATOS, Bruna P. Estratégias de enfrentamento e saúde mental de psicólogos hospitalares: revisão sistemática. **Revista Psicologia em Foco**, v. 18, n. 1, p. 85-104, 2023.

GARCIA, Helena M.; THOMPSON, Carolina R. Ética institucional e cultura do cuidado: desafios contemporâneos na Psicologia Hospitalar. **Revista Brasileira de Psicologia da Saúde**, v. 14, n. 1, p. 45-62, 2024.

GIORGI, Amedeo. **The descriptive phenomenological method in psychology: a modified Husserlian approach**. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press, 2009.



GROSS, James J. Emotion regulation: current status and future prospects. *Psychological Inquiry*, v. 26, n. 1, p. 1-26, 2015.

LIMA, Patrícia C.; COSTA, Rafael A. A prática do psicólogo hospitalar: desafios contemporâneos e perspectivas éticas. *Revista Brasileira de Psicologia da Saúde*, v. 13, n. 3, p. 98-113, 2023.

LIMA, Thais R. Humanização hospitalar e saúde mental de profissionais da linha de frente: implicações éticas. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 39, e210084, 2022.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida V. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Centauro, 2005.

MEDEIROS, Lilian A.; LUSTOSA, Maria A. A difícil tarefa de falar sobre morte no hospital. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, v. 14, n. 2, p. 203-227, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional de Humanização: HumanizaSUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022.

MORAES, Giovana P.; SANTOS, Elaine R. Interdisciplinaridade e saúde hospitalar: práticas integrativas e desafios éticos. *Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho*, v. 25, e022015, 2022.

OLIVEIRA, Rafaela L.; CAMPOS, Felipe A. Comunicação e interdisciplinaridade na equipe de saúde hospitalar. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 34, n. 1, p. 1-15, 2022.

PERES, Girlane M.; LOPES, Ana M. P. Acompanhamento de pacientes internados e processos de humanização em hospitais gerais. *Psicologia Hospitalar*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 17-41, 2012.

PESSINI, Leo; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul. **Problemas atuais de bioética**. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2020.

RUPERT, Patricia A.; MILLER, Alison O.; BRUNNER, Jonathan L. Burnout and mental health among practicing psychologists: post-pandemic trends and implications. **Professional Psychology: Research and Practice**, v. 54, n. 4, p. 210-222, 2023.

SANTOS, Ana C. B.; BARROS, Juliana F. Demandas psicológicas e sobrecarga em contextos hospitalares: perspectivas críticas. *Psicologia em Estudo*, v. 28, e310059, 2023.

SANTOS, Luciana P. et al. O papel do psicólogo hospitalar na promoção do bem-estar e no cuidado integral. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 41, e23459, 2021.



SIMONETTI, Alfredo. **Manual de Psicologia Hospitalar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SOUZA, Nádia G.; FERREIRA, Tânia M. Interdisciplinaridade, empatia e cuidado: práticas psicológicas em hospitais públicos. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 28, e290116, 2023.

VIEIRA, Camila L.; NOGUEIRA, Gustavo P.; SANTANA, Lara M. Comunicação, hierarquia e relações de poder em equipes de saúde hospitalares. **Revista Brasileira de Psicologia da Saúde**, v. 12, n. 2, p. 58-74, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Mental health and psychosocial well-being in health workforce**. Geneva: WHO, 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Mental health and psychosocial well-being in health workforce: Global report 2023**. Geneva: WHO, 2023.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.